



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Surdez, Matemática e Atuação docente: desafios e possibilidades para o ensino de matemática para surdos

RC7: Formação de professores que ensinam matemática na perspectiva inclusiva

Fernanda Barbosa Damasceno e Marianni Chagas Lima¹

Eulina Coutinho Silva do Nascimento e Gisela Maria da Fonseca Pinto²

Resumo do trabalho. Neste trabalho, discutimos brevemente sobre a formação inicial do professor de matemática de alunos surdos numa perspectiva inclusiva. Esse trabalho é a narrativa de uma experiência de pesquisa conduzida no âmbito do PET – Matemática e Meio Ambiente. O objetivo deste trabalho foi fomentar a formação inicial de licenciandos de matemática da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A metodologia desta pesquisa consistiu em organizar e propor um curso de extensão voltado para o ensino de matemática para surdos. Os resultados iniciais revelam que a participação no curso possibilitou aos licenciandos uma profunda reflexão acerca das questões relativas à inclusão dos alunos surdos nas salas de aula de matemática.

Palavras-chave: Surdos; Ensino de Matemática; Formação inicial docente.

Introdução

A promoção de uma educação inclusiva, em especial, uma educação matemática inclusiva, está condicionada a diversas questões, inclusive, o conhecimento e o respeito às particularidades dos alunos, neste caso, os surdos. Entretanto, Silva e Pinto (2017, n.p.) afirmam que: “Ensinar Matemática para alunos surdos não tem sido uma preocupação nos cursos de formação inicial” e completam dizendo que “o desconhecimento das peculiaridades dos surdos pelo professor pode prejudicar o processo de seu desenvolvimento.”

Levamos, então, a seguinte questão: como o professor de Matemática, leigo nas questões relativas à surdez, poderá exercer seu trabalho de maneira efetiva se sua formação inicial não o preparou para tal? Uma opção para auxiliar esse profissional seria a proposição



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

de situações, ainda durante a formação inicial, que o faça refletir sobre ensinar para diversidade. (CINTRA, 2014).

Com isso, neste trabalho, cujo objetivo é incentivar a participação de licenciandos em matemática em oficinas e cursos de extensão para o incremento de sua formação inicial no que diz respeito ao ensino de matemática para surdos, iremos discorrer sobre as experiências vividas por licenciandos de matemática da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em um curso de extensão à distância organizado pelas autoras desta pesquisa – Fernanda e Marianni, alunas de graduação em licenciatura em Matemática da UFRRJ campus Seropédica – no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET) – Matemática e Meio Ambiente.

Inclusão: o ensino de matemática para surdos

Com o advento da inclusão, o número de alunos surdos em salas de aulas regulares aumentou consideravelmente. De acordo com dados do INEP (2016), em relação ao total, o percentual de alunos surdos matriculados em escolas regulares passou de 50% em 2007 para 88% em 2016. Esse aumento na matrícula de indivíduos surdos em escolas regulares indica que o artigo 58 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) – que garante a educação de pessoas com necessidades educacionais especiais – está sendo cumprido. Entretanto, de acordo com Miranda e Miranda (2011, p. 44): “Métodos de adequação, princípios de igualdade são valores que devem ser trabalhados em sala de aula, e mais precisamente com os professores, pois é através deles que o aluno se sente integrado, e verdadeiramente incluído.”

No entanto, a formação inicial de professores não tem dado conta de preparar o futuro docente para atuar com alunos surdos. Em relação à licenciatura em Matemática, Cruz e Attie (2014) apontam que 100% dos formandos em Matemática da Universidade Federal do Sergipe afirmam não se sentirem preparados para atuar com alunos surdos, pois sua formação inicial não é suficiente para tal. De acordo com um dos licenciandos entrevistados



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

por esses autores: “...não estou preparado para ensinar a matemática para alunos surdos, pois não aprendi o suficiente para sequer me comunicar com surdos o que torna ainda mais difícil ensiná-los” (n.p.). Outro formando diz que a carga horária da disciplina de Libras não é suficiente. Segundo ele: “...deveria aumentar a carga horária do curso de Libras ou criar um curso voltado para o ensino de matemática para alunos surdos ... é uma boa mudança.” (n.p.).

O problema destacado por esse estudante é refletido não apenas no curso de licenciatura em Matemática da UFS. No âmbito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro campus Seropédica – instituição na qual estudamos – a carga horária da disciplina de Libras é de 30 horas. Mas então, se o professor não é fluente em Libras, como ele ensinará Matemática ao seu aluno surdo? É possível estabelecer comunicação com os surdos sem saber sinais específicos? Essas são algumas perguntas respondidas por Miranda e Miranda (2011).

[...] é possível sim se comunicar com os surdos, mesmo sem saber sua língua, basta que tenhamos um pouco de habilidade gestual, porém não saber LIBRAS pode se tornar uma barreira para o ensino do professor da mesma maneira que só o seu conhecimento não é suficiente para um processo de ensino – aprendizagem completo. E os surdos são capazes de aprender matemática, contudo de maneira diferente da dos ouvintes, já que eles são de uma cultura diferente, possuem uma identidade diferente e, portanto, aprendem de modo diferente. Daí a necessidade de fazer uma reflexão a respeito do ensino e da prática docente. (MIRANDA; MIRANDA, 2011, p. 39)

Ainda de acordo com esses autores, os professores – não só os de Matemática – devem repensar sua prática docente e rever suas metodologias a fim de encontrar uma maneira de garantir o aprendizado de todos os alunos, surdos e ouvintes: “É necessário compreender como eles aprendem para assim os fazer aprender, em outras palavras, é necessário compreender como eles constroem seu conhecimento para assim nos tornar mediadores desse processo, como auxiliares dessa construção.” (p. 39)

A participação de professores de matemática em formação em atividades (cursos ou oficinas) que visem colocá-los frente a situações complexas de aprender e ensinar para



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

diversidade é uma forma de capacitá-los a trabalhar em turmas com alunos surdos e ouvintes (CINTRA, 2014). De fato, ações como essa podem contribuir fortemente para uma sensibilização do futuro professor sobre a questão do ensino de matemática para o aluno surdo em contexto inclusivo e, sempre que possível, devem integrar as ações de formação inicial docente. Portanto, é de suma importância a participação de professores de Matemática em formação em projetos ou oficinas para que esses futuros profissionais tenham contato com novas metodologias e, por consequência, sintam-se mais capacitados para atuar com a diversidade da sala de aula regular, neste caso, especificamente, com alunos surdos e ouvintes e, portanto, promovendo equidade a todos os alunos.

Matemática e cidadania: alternativas para um ensino democrático e uma aprendizagem cidadã

É dever do educador democrático, no exercício da prática docente, reforçar nos educandos sua capacidade crítica, sua curiosidade e sua insubmissão (FREIRE, 2018). Sendo assim, um ensino democrático visa o empoderamento dos estudantes e a matemática é uma das ferramentas para esse empoderamento e insubordinação perante as práticas tradicionais excludentes usualmente encontradas no ensino dessa disciplina.

Mas como o professor vai proporcionar aos alunos uma educação matemática inclusiva e democrática, se o mesmo não se encontra preparado para lidar com as diferenças? Faz-se então, necessário propor a esses docentes situações que lhes permitam refletir e planejar sobre sua prática docente ainda durante a formação inicial. Cintra (2014) defende:

(...) a importância de serem criadas oportunidades durante a formação inicial, de novas experiências e conhecimentos para a docência, em especial que coloque o futuro professor frente a situações complexas de ensinar e aprender para a diversidade, de maneira que possibilite mudanças na atitude dos futuros professores frente às diferenças. (CINTRA, 2014, p. 32)

Visando o fomento na formação inicial dos licenciandos de matemática da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) campus Seropédica, propusemos um



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

curso de extensão à distância para 20 pessoas. O curso de extensão, intitulado *Formação para cidadania: desafios no ensino de matemática para surdos*, foi composto por 8 encontros de 2 horas cada, sendo os quatro primeiros encontros teóricos e os quatro últimos práticos, às terças e quintas durante o mês de agosto de 2020.

Resultados e discussões

A seguir, serão descritos cada um desses encontros e, em seguida, será feita uma análise geral sobre o curso e as contribuições proporcionadas aos cursistas em relação à formação inicial deles. Cabe salientar que, como dito na seção anterior, o curso de extensão foi pensado para 20 licenciandos de matemática da UFRRJ campus Seropédica, entretanto, ao todo, inscreveram-se 18 cursistas, dos quais 16 são estudantes da UFRRJ, sendo 15 deles estudantes do campus Seropédica e 1 do Instituto Multidisciplinar (IM), 2 cursistas estudam em outra universidade, sendo um deles licenciando da Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF) e o outro, mestrando na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Os cursistas que estudam na UFRRJ- Seropédica souberam do curso por meio da divulgação que fizemos em nossas redes sociais, enquanto os demais tiveram acesso às inscrições por meio do perfil oficial da UFRRJ no Instagram.

Nos três primeiros encontros foi feito um aporte teórico sobre a surdez e ensino de matemática em um contexto especial e inclusivo. Nesses encontros, os envolvidos discutiram os textos propostos e situações vivenciadas por eles.

No primeiro encontro, foi feita uma apresentação geral do curso, bem como a divisão dos grupos (seis grupos de três cursistas) e os temas das atividades que seriam organizadas pelos cursistas. As atividades propostas deveriam visar a educação financeira e os temas escolhidos por nós foram: cartões de crédito e débito, empréstimos bancários e contas corrente e poupança. Para orientar a tarefa organizada por eles, explicamos a diferença entre educação financeira e matemática financeira, realçando que as tarefas deveriam visar a educação financeira e, portanto, as atividades deveriam proporcionar criticidade e



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

autonomia. Ressaltamos também que as tarefas organizadas deveriam ter caráter inclusivo, nesse caso, as mesmas poderiam ser aplicadas em turmas com alunos surdos e ouvintes. Posteriormente, fizemos uma discussão sobre a história dos surdos, concepções sobre a surdez. Além disso, debatemos também sobre os textos Skovsmose (2019) e Miranda e Miranda (2011).

No segundo e no terceiro encontro, fizemos um aporte teórico sobre o ensino de matemática para alunos surdos em um contexto especial e inclusivo, respectivamente. Para fundamentar nossa discussão pedimos previamente aos cursistas que lessem uma subseção da tese de doutorado de Coutinho (2015) e Moura (2020).

Em todos os encontros, para evitar que as opiniões e vivências dos cursistas fossem omitidas ou relatadas apenas no final, explicitamos que no momento em que eles quisessem compartilhar algo com os demais poderiam habilitar o áudio. Conduzimos o debate por meio de slides, destacando o que achamos de mais interessante nesses textos. No geral, os cursistas relataram não ter conhecimento sobre o ensino de matemática para surdos, entretanto, segundo eles, os textos possibilitaram um conhecimento prévio sobre a temática e incentivaram a busca pelo aprofundamento nesse assunto.

No quarto encontro, houve uma mesa redonda intitulada: *Diálogos sobre o ensino de matemática para surdos*. Esse encontro contou com a presença de intérpretes e pesquisadores da área. Um dos convidados é surdo e professor de matemática, sua fala abordou suas vivências enquanto surdo, egresso da educação básica, superior e, atualmente, professor. Outra convidada relatou sua experiência enquanto pesquisadora, abordando, principalmente, sobre sua tese de doutorado. O último convidado é intérprete e sua fala foi voltada para sua atuação profissional. Além disso, outras duas intérpretes participaram desse encontro, fazendo a tradução em Libras do que os outros participantes diziam e a versão voz nos momentos em que o professor surdo estava falando. As falas dos convidados fomentaram muitas dúvidas, as quais foram respondidas por todos os convidados ao final do encontro.



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Os quinto, sexto e sétimo encontros foram destinados às apresentações das atividades desenvolvidas pelos cursistas. Para cada um desses encontros foram convidados professores para comentar os trabalhos apresentados, como uma banca de avaliação, composta por docentes da universidade e docentes convidados, divididos entre as áreas de matemática, Libras e ensino de matemática. Dois desses professores, os quais chamaremos por P1 e P2 compuseram a banca nos três encontros, outra professora (P3) compôs a banca no quinto e no sexto encontro e a professora (P4) participou da banca apenas no encontro 7.

As atividades do 5º encontro tinham como tema os *empréstimos bancários*. O grupo 1 apresentou a atividade *Ruraletas*, cujo público alvo são os alunos de ensino médio. O projeto desse grupo consistiu na proposição de exemplos de contratos de empréstimos com uso das ruraletas (notas fictícias que simulam o Real). Inicialmente, seria explicado o que são empréstimos bancários e, a partir dos contratos, o grupo levantaria uma discussão sobre juros abusivos com objetivo de identificar se uma proposta de empréstimo é viável. Os professores P1, P2 e P3 disseram que não compreenderam bem a proposta do grupo. Além disso, o uso das ruraletas não garantia a inclusão dos alunos surdos.

O grupo 2 apresentou a atividade: *Como salvar meu dinheiro?* A proposta do grupo era voltada para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e os objetivos consistiam em possibilitar aos alunos a percepção de que a matemática é uma ferramenta presente no cotidiano, comparar situações de empréstimos e analisar as consequências dos acúmulos de dívidas. A metodologia da atividade consistia em aplicar um jogo (que foi desenvolvido pelo grupo) para que os objetivos fossem atingidos. A banca elogiou a proposta apresentada, entretanto alertaram que essa atividade não é adequada para alunos de 9º ano do Ensino Fundamental, mas sim para alunos de Ensino Médio.

No 6º encontro foram apresentadas atividades sobre *Contas corrente e poupança*. O grupo 3 propôs a atividade *Vamos ao banco?* cujo o público alvo são alunos do 6º ou 7º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos de aprendizagem consistiam na elaboração e resolução problemas que envolvam porcentagens, com base na ideia de proporcionalidade. Além disso,



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

a atividade objetivava promover aos alunos a identificação dos conteúdos matemáticos em situações do dia a dia. A metodologia consistia uma aplicação de um jogo interativo em que os alunos deveriam escolher um entre quatro avatares. O contexto da atividade dependeria do avatar escolhido e as escolhas feitas poderiam, ou não, acarretar em prejuízo. A banca, composta pelas professoras P1, P2 e P3 elogiaram a atividade, mas segundo a professora P3 – em concordância com os demais professores – “a atividade não possuía caráter inclusivo”. Além disso, a banca destacou que alunos desses anos escolares são novos demais para compreender a proposta.

O grupo 4 apresentou uma proposta para alunos de Ensino Médio. O trabalho construído foi inspirado no jogo *Banco Imobiliário*. Inicialmente seria feita uma discussão sobre as contas corrente e poupança, apontando as diferenças entre essas contas. O jogo consistia na compra de terras, construção de casas e cobranças de aluguel. O objetivo da atividade era promover aos alunos a criticidade na tomada de decisões. A banca questionou ao grupo sobre a inclusão e, um dos professores disse que os objetivos de aprendizagem não estavam bem estabelecidos. Por fim, esse professor deu algumas sugestões sobre o desenvolvimento e as regras do jogo.

No 7º encontro, foram apresentadas atividades sobre *Cartões de crédito e débito*. O grupo 5 propôs a atividade *Indo às compras* voltada para alunos de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. A proposta visava a montagem de um mercado em sala de aula com produtos diversos. O objetivo da tarefa era que os alunos fizessem compras e escolhessem a forma de pagamento, sendo as opções cartão de crédito ou cartão de débito. Inicialmente, seria promovida uma discussão sobre os conceitos de cartões de crédito e débito, evidenciando as diferenças entre cada um deles. Em seguida, os alunos fariam as compras e, posteriormente calculariam o valor mínimo (caso a escolha seja pagamento via cartão de crédito), considerando que dependendo da compra realizada, o pagamento por cartão de débito não seria possível. A última etapa consistia em uma avaliação individual que visava compreender se os objetivos de aprendizagem foram alcançados. A banca (P1, P2 e P4) elogiou a riqueza



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

de detalhes da atividade (foi confeccionado dinheiro fictício com representação numérica em Libras, além de cartões, máquina para cartões e fatura) e disseram que a proposta desenvolvida por eles era inclusiva, pois a mesma poderia ser trabalhada tanto com alunos surdos, quanto com alunos ouvintes. Um comentário da banca era que o tipo de juros cobrado nessas situações são juros compostos e não simples conforme tinha sido indicado pelos cursistas.

Por fim, o último grupo, apresentou a atividade *Credita ou Debita?* voltada para turmas de 9ª ano. Os objetivos de aprendizagem consistiam em caracterizar os objetos de conhecimento (cartões de débito e crédito), trabalhando suas definições e diferenciando-os entre si e exercitar a capacidade espaço-visual e o consumo consciente de forma lúdica. A metodologia explicitada pelo grupo não estava bem definida e, portanto, tornou-se incompreensível sendo esta, inclusive, a crítica apontada pela banca.

O último encontro foi destinado a um debate final sobre a importância de nós, enquanto professores e futuros professores, possibilitarmos aos surdos uma educação de qualidade, que vise o empoderamento e a insubmissão social desses sujeitos. Para fomentar essa discussão propomos como dinâmica que assistíssemos ao documentário *Sou surda e não sabia*. Esse curta metragem relata a história da vida de uma atriz francesa e como ela se percebeu surda. Esse documentário frisou alguns pontos que já tinham sido discutidos nos encontros anteriores como, por exemplo, a importância dos professores, neste caso, os de matemática pensarem acerca de suas práticas docentes. Além disso, o documentário possibilitou-nos compreender mais detalhadamente a experiência de ser surdo, transmitindo uma emoção que, em geral, os textos não passam.

Ao final desse encontro, pedimos aos cursistas que eles propusessem críticas e/ou sugestões ao curso e que eles levantassem pontos que aprenderam durante o curso, enfatizando a importância dessa experiência para sua formação profissional. No geral, os participantes deram respostas parecidas e a única sugestão foi relacionada à duração do curso. Quando perguntados sobre a importância do curso para sua formação, um deles disse:



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Acredito que toda! Estar com vocês nestes encontros possibilitou repensar e reforçar a importância da teoria (uma bem bacana, diga-se de passagem) para repensarmos nossa prática em sala de aula, e vice versa, dialogando com essas pessoas que aprendem pela não audição, além dessa importância das discussões para aprendermos.

Outro participante complementou:

Esse curso possibilitou ver a inclusão dentro de sala de aula e como fazer essa inclusão, algo que não tinha essa percepção. Sempre tive vontade de dar aula de matemática para alunos surdos e hoje sei muito mais de como alcançar essa trajetória. A caminhada é longa, mas só de ter dado esse início com o curso, fez com que eu amadurecesse muito sobre o que é ser professor de matemática.

Quando questionados sobre conhecimentos que eles obtiveram durante o curso, alguns deles destacaram: “*as concepções sobre a surdez e as identidades dos surdos*”, “*o uso de esquemas*”, em referência ao texto de Coutinho (2015). Além disso um outro participante disse: “*A forma de assimilação do surdo sobre o que é estudado, seu olhar sobre o mundo. A importância do ensino inclusivo e a luta pelo reconhecimento da comunidade surda. Além do desenvolvimento e a prática de atividades inclusivas.*”

Esse curso possibilitou tanto aos cursistas quanto a nós a ampliação acerca do conhecimento das questões relativas ao ensino de matemática para surdos. A curta duração do curso não nos capacitou plenamente para atuação com esse perfil, entretanto esse momento viabilizou o incentivo ao aprofundamento em pesquisas e reafirmou a importância da participação dos professores em formação em projetos que visem colocá-los frente a situações complexas de aprender e ensinar para diversidade (CINTRA, 2014).

Considerações finais

A formação inicial dos professores de matemática não tem proporcionado conforto para esses profissionais atuarem juntamente com alunos surdos, conforme indicam Cruz e Attie (2014) e Silva e Pinto (2017). Sendo assim, é importante que esses docentes busquem se aperfeiçoar através de cursos de formação continuada. Outra opção para esses



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

profissionais é que, ainda durante a graduação, os mesmos tenham vivências extracurriculares que os incentivem a pensar sobre essas questões.

Nossa proposta tinha como objetivo proporcionar aos cursistas reflexões sobre o ensino de matemática para alunos surdos em um contexto de inclusão. Apesar da curta duração do curso, os encontros possibilitaram à maioria dos participantes um primeiro contato com a temática e, para todos, uma grande contribuição em sua formação inicial, conforme foi relatado por eles.

As atividades propostas pelos grupos e as considerações feitas pela banca revelam a dificuldade que os docentes em formação possuem em elaborar atividades que exijam sair da “zona de conforto”, ainda assim o curso possibilitou meditações acerca da necessidade de um ensino que promova autonomia e empoderamento aos alunos surdos.

Embora um dos participantes já esteja cursando o mestrado e tenha uma certa experiência com essas questões, sua fala indica que o curso possibilitou uma reflexão mais aprofundada. *“Acredito que minha maior aprendizagem foi essa matemática mais “humana” e inclusiva que não conheci na minha graduação (USP São Carlos), que possibilita outros olhares e vivências nessa construção de conhecimentos.”*, disse.

Dessa forma, evidenciamos a importância de professores de matemática em formação participarem de projetos que os proporcionem uma meditação e/ou aprofundamento a respeito da inclusão de alunos surdos nas aulas de matemática.

Referências

BRASIL. MEC. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep)**. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. [Online]. Brasília: Inep, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 03 set.2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CINTRA, V. P. **Trabalho com projetos na formação inicial de professores de matemática na perspectiva da educação inclusiva**. 2014. 137 f. Tese - (doutorado) -




II ENEMI
Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2014.
Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123985>. Acesso em: 30 jun. 2020.

COUTINHO, M. D. M. C. **A constituição de saberes num contexto de educação bilíngue para surdos em aulas de matemática numa perspectiva de letramento.** 2015. 268 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:
<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/254160>>. Acesso em: 07 jul. 2020

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MIRANDA, C. J. A; MIRANDA, T. L. **O ensino de Matemática para alunos surdos: Quais os desafios que o professor enfrenta?** Revista Eletrônica de Educação Matemática. ISSN 1981-1322. Florianópolis, v.06, n.1, p.31-46, 2011. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/viewFile/10.5007-1981-1322.2011v6n1p31/21261>. Acesso em: 30 jun. 2020.

MOURA, A. Q. **O ENCONTRO ENTRE SURDOS E OUVINTES EM CENÁRIOS PARA INVESTIGAÇÃO: DAS INCERTEZAS ÀS POSSIBILIDADES NAS AULAS DE MATEMÁTICA.** 2020. 218 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192015> . Acesso em: 08/07/2020.

CRUZ, A. J.; ATTIE, J. P. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA PARA ENSINAR ALUNOS SURDOS. SIGAA UFS, 2014. Disponível em:
<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=549882&key=8fab3298f3af9cb0d3da4ff952375d61>. Acesso em: 30 jun. 2020

SILVA, J. A; PINTO, G. M. F. **As ações do professor de Matemática e do intérprete educacional de Libras junto ao aluno surdo.** Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, abr./2017. Disponível em:
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/8/as-aes-do-professor-de-matemtica-e-do-intprte-educacional-de-Libras-junto-ao-aluno-surdo>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SKOVSMOSE, O. **INCLUSÕES, ENCONTROS E CENÁRIOS.** Educação Matemática em Revista, Brasília, v. 24, n. 64, p. 16-32, dez./2019. Disponível em:
<http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/revista/index.php/emr>. Acesso em: 8 jul. 2020.